

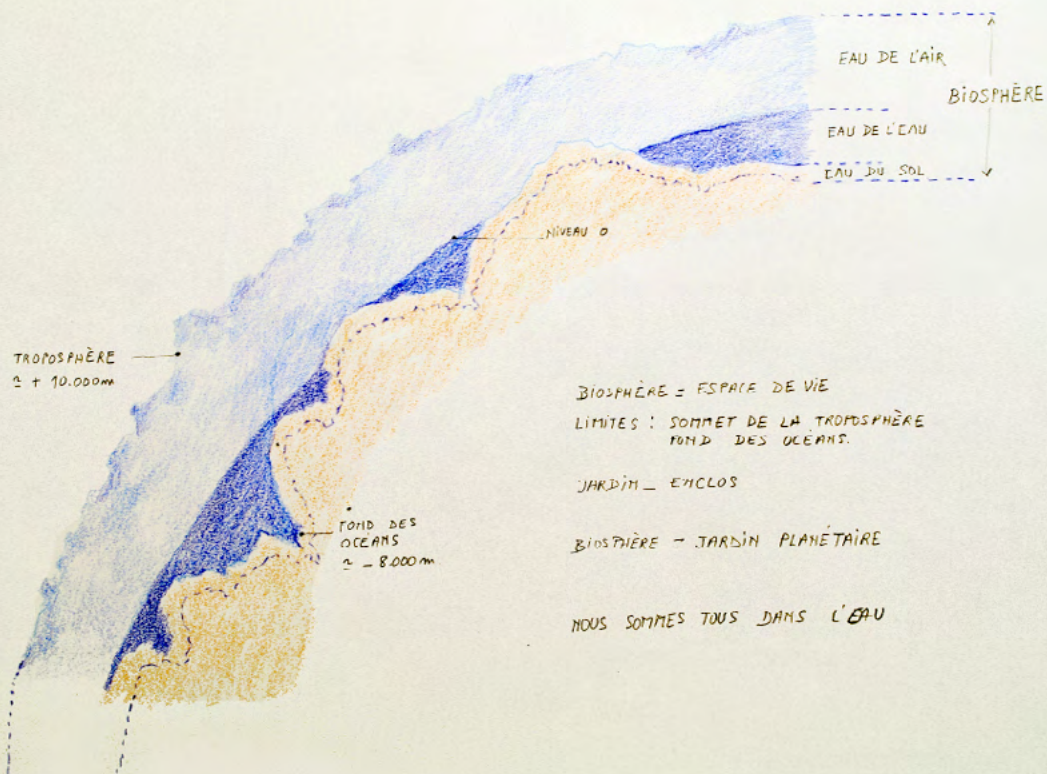


Fig. 1: Biosfera, espaço de vida: estamos todos dentro d'água. Fonte: Gilles Clément, disponível em: <http://www.gillesclement.com/>. Acesso em: 15 fev. 2023.



O JARDIM COMO ÍNDICE PLANETÁRIO

Gilles Clément

Resumo: Apresenta-se uma tradução do texto *Le jardin comme index planétaire*, de Gilles Clément. Inédito em português, o texto foi publicado pela primeira vez em 1995 no livro *La théorie du paysage en France*, organizado por Alain Roger. Cotejando os termos específicos da noção de jardim com aqueles referentes à compreensão ecológica de grandes paisagens, Clément aborda a ambivalência de natureza e artifício, cultivo e abandono, e suas implicações em dinâmicas vegetais estabelecidas em escala planetária.

Palavras-chave: Jardim Planetário. Paisagem. Terrenos incultos. Terceira Paisagem.

THE GARDEN AS PLANETARY INDEX

Abstract: This is a translation of the text *Le jardin comme index planétaire*, by Gilles Clément. Unpublished in Portuguese, the text appeared for the first time in 1995 in the book *La théorie du paysage en France*, organized by Alain Roger. Comparing the specific terms of the notion of garden with those referring to the ecology of large landscapes, Clément addresses the ambivalence of nature and artifice, cultivation and abandonment and their implications for plant dynamics on a planetary scale.

Keywords: Planetary Garden. Landscape. Uncultivated land. Third Landscape.



APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Ao contrário do que se poderia supor, Gilles Clément não propõe o ajardinamento de toda a Terra, tampouco a equivalência, em termos dimensionais, entre o planeta e o jardim, em seu sentido convencional. Mais do que uma transposição de escalas, o *Jardim Planetário* sinaliza um deslocamento do olhar rumo à compreensão de que o espaço de vida da Terra, como todo jardim, é circunscrito, dotado de limites e pressupõe a existência consorciada de viventes diversos. As interações de seres vegetais, animais e humanos se inserem no fluxo contínuo de energia e matéria que se encerra no globo, a despeito de fronteiras internas.

Logo, a figura do jardineiro e a dimensão de seu trabalho, no sentido da cura ou dos tratos de que se serve o jardim, residiriam, em primeiro lugar, na observação atenta das estratégias de sobrevivência específicas e codividas pelos seres que o habitam. Como habitante, teria ele também a capacidade de eleger e demonstrar suas táticas: fazer o mínimo contra e o máximo a favor dos movimentos pelos quais a vida no jardim se diversifica.

Em tom de manifesto, Clément define sua posição crítica aos modos de opressão econômica e de cerceamento da vida, em sentido amplo, na realização de jardins e na publicação de vasta bibliografia. Rica em figuras de linguagem e ambivalências, sua escrita apresenta interrogações, e nem sempre as desfaz, em convite ao pensamento elaborativo do jardim na contemporaneidade.

Arthur Simões Caetano Cabral



O mato cresce¹, a agricultura perde terreno.

Os jardins que a cidade "acomoda" ainda não dispõem de artifício e natureza. Eles continuam a ser geridos como objetos apazíveis, únicos e dispendiosos, quase fúteis.

Eu questiono: poderia um jardim ser um índice planetário?

Falar sobre paisagem, atualmente, significa abordar o planeta. O vocabulário que designa qualquer operação na paisagem – do jardim aos grandes territórios – passa a convocar o meio ambiente, a ecologia, a cidade, o homem... como sempre o fez, é verdade, mas agora como um fenômeno novo, que não se restringe aos limites estritos do lugar: mobilizando os jargões da geografia, do urbanismo, da etnologia, da geologia, da história e até da arte, hoje ele invoca o Universo. Esse vocabulário, contudo, desconsidera as palavras da terra², aquelas que, falando de um uso (por oposição ao abandono de um uso), não têm nas memórias senão um valor toponímico, grafado nos mapas rodoviários como se, um dia, elas tivessem caído prontas do firmamento.

Devemos continuar a escrever em letras maiúsculas *varenne*, *guéret*, *essart* ou *garenne*, se esquecemos que essas palavras têm um sentido³ e que ele é afeito à paisagem?

1 N. do T. « *Les terres s'enfrichent* », no original. Clément utiliza recorrentemente o termo *friche*, alusivo à condição ambiental de terrenos baldios e à vegetação que ali ocorre.

2 N. do T. Clément utiliza aqui a palavra *terroir*, que se refere de modo particular às ideias de terra e de território. Frequentemente utilizada no âmbito da produção de vinhos, a palavra remete à relação íntima entre o solo e o micro-clima, numa conjunção que seria propícia ao nascimento de tipos especiais de uva, expressando livremente sua qualidade e tipicidade. Há expressões em certos idiomas que apresentam correspondências ao conceito de *terroir*, como *terruño*, em espanhol, que significa um pedaço pequeno de terra em que se trabalha e do qual se vive, e *talhão*, para os gaúchos, que se refere a uma porção de terreno situada entre dois córregos ou sulcos destinada ao cultivo de certos gêneros agrícolas. Fonte: <https://sonoma.com.br/explorar/curiosidades/terroir-solo-vinho-curiosidade-uva-caracteristica>.

3 N. do T. Trata-se de comunas francesas, cujos nomes poderiam ser traduzidos por "macega", "terra em pousio", "capoeira" e "bosque selvagem", respectivamente. Optou-se por mantê-las em francês, por serem nomes próprios, e em letras minúsculas, como no original.



O mesmo acontece com os cerrados, pampas, maqui⁴, garrigue⁵, chaparral⁶ ou fimbos⁷, pois, como vemos, tratam-se de diferentes regiões do mundo: certos vocábulos ligados aos relevos descrevem sistemas de vida e, por isso, têm valor universal. É verdade que, ao listar os componentes da flora mediterrânea francesa (maquis e garrigues), não encontraremos nenhuma espécie em comum com o seu equivalente chileno, australiano, californiano ou sul-africano; são palavras muito diferentes em cada contexto, embora trate-se de uma questão de meio ambiente e, nesse meio, elas se referem a comportamentos muito semelhantes entre espécies distintas; resistência à seca, adaptação ao fogo, formas grossas, espinhentas e persistentes, vegetação rústica e retorcida: em todos os casos, a economia de trocas de energia conferiu a elas uma aparência rugosa e áspera, no que a clorofila se esconde atrás de cutículas espessas e a água é retida em tecidos hipertrofiados desde o solo circundante. Em suma, o que lhes é específico é o enunciado botânico, e isso se transfere a um termo de identidade, como cerrado ou chaparral, que diz respeito a um comportamento comum, para o qual ainda não há termos equivalentes, afora a noção de "bioma". De fato, a necessidade de descrever o lugar remonta ao vernacular, mas a necessidade de compreendê-lo convida ao planetário.

Na prática do arquiteto paisagista, a novidade consiste na articulação do vocabulário do jardim com o da grande paisagem. Não se trata de sobrepor um ao outro – nós sabemos que isso seria falso ou redutor

4 N. do T. Em botânica, o termo maquis se refere a uma formação de espécies vegetais características de regiões de clima mediterrâneo, como *Arbutus unedo* e *Erica arborea*. Fonte: https://www.php.obs-banyuls.fr/UVED/module/voir_milieu/milieu_numero_2.html.

5 N. do T. Semelhante a maquis, trata-se de formação vegetal característica de regiões mediterrâneas onde predominam solos calcários. Fonte: <http://www.ecosociosystemes.fr/garrigues.html>.

6 N. do T. Tipo de vegetação herbácea ou arbustiva bastante rústica característico de clima mediterrâneo, podendo ser encontrado no sul da Europa, norte da África, sul da América do Sul e pequenas áreas no sul da Califórnia, da África e da Austrália. Fonte: <https://nossa-biologia.webnode.com/news/bioma-chaparral>.

7 N. do T. Pequeno bioma de vegetação arbustiva característico das províncias sul-africanas do Cabo Ocidental e do Cabo Oriental. Fonte: <https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/fynbos.html>.



–, mas convém estabelecer a correspondência entre o que até hoje distinguia os lugares finitos (jardins, parques, áreas verdes) daquilo que parecia amorfo e diluído no espaço: a natureza.

Coloca-se, então, a seguinte questão: sob qual aspecto um jardim é um índice planetário? Por que razões ele não é somente um objeto circunscrito aos seus próprios limites?

Pode-se imaginar que o jardim, em sua intenção, assim como em sua expressão, aborda os princípios de “convergências da vida”, orienta especulações sobre a duração no sentido de uma “evolução”, e nem sempre conserva uma “imagem” integrada à metafísica habitual – por exemplo, a de um paraíso perdido. Uma cosmogonia ecológica precisa ser intercontinental, em suas dimensões, para interagir no mundo inteiro? Quais símbolos o jardim deveria manifestar, atualmente?

Uma planta, uma única planta, veicula informações suficientes para definir um clima, um solo, um ritmo de chuvas, da força do vento, um devir e uma atmosfera. Isso significa que uma planta, hoje, não pode mais ser considerada unicamente sob a perspectiva do ornamento, da arquitetura, da forma ou da função. É também um sopro, uma cadência, uma fase tênue sob o percurso de uma paisagem em evolução. Ela é portadora de uma série de mensagens mais ou menos intempestivas – a depender da interpretação das urgências ambientais de que decorrem –, que sempre têm seu equivalente em outras partes do planeta, exatamente em outros lugares, mesmo se forem inconcebivelmente distantes.

Dizem que a *Rosa moschata*, vista aos milhares nos vales chilenos, tem origem chinesa. É a história quem diz, mas o desenho dos continentes não se importa. A condição austral – estreitada pelos Andes, que espreme as terras contra o mar – acolhe essas plantas ruderais setentrionais e até mesmo boreais: as chicórias, a erva-doce, as valerianas se imiscuem nos cardos e nas alstroemérias aos pés de grandes araucárias, às quais se misturam pinheiros de Monterey e eucaliptos. Assim, a Europa, a América e a Austrália, em um único olhar, encontram-se abraçadas.

O exotismo, com certeza, já não tem esperança de ir muito longe. O tempo das especiarias caras do reino de Punte se perdeu. Hoje vê-se que tudo está misturado, tudo é vetor de tudo: o endemismo é uma noção histórica, sua realidade biológica, um relicário.



O que isso significa? A ocupação do terreno por plantas estrangeiras – em todos os países do mundo – traduz uma apetência à conquista vegetal de um ou outro nicho ecológico ainda pouco ou nada ocupado. Muitas vezes, há destruição. Com igual combatividade, as espécies se somam, mas nem sempre se destroem. No conjunto, esse dinamismo planetário conduz ao desaparecimento de certas espécies com amplitude biológica frágil, mas constitui potencialmente um poder de hibridização superior ou, em outras palavras, a uma diversidade biológica possivelmente ampliada. Finalmente, é importante constatar que em toda a parte a paisagem local (vernacular) se modifica sob uma influência exterior (planetária), embora permaneça singular, haja vista que, a despeito de todo o movimento de plantas – quase browniano – entre os quatro cantos do mundo, apenas algumas elegem um território novo a ponto de ali se instalarem definitivamente.

Essas paisagens novas são criadas, por assim dizer, sem a intervenção do homem, pois mesmo nas situações em que a origem desses movimentos é de natureza antrópica, elas escapam ao controle e até mesmo à compreensão daqueles que as fizeram nascer.

De maneira singular, o jardim – que por tradição exhibe a mais sofisticada das misturas planetárias – permanece sob a vigilância dos jardineiros: mesmo abandonado, ele continua a alertar as consciências sobre o conteúdo de sua mensagem, porque ele foi concebido para isso. Ele é, então, o lugar (por excelência) de uma explicação.

O que o jardim diz hoje sobre seu ambiente? Qual é seu discurso sobre uma história das flores – outrora separadas, hoje reunidas –, sobre a tectônica das placas, as fraturas do Gondwana, os incêndios florestais e o colapso das matas? O que diz sobre a vida que nele se condensa?

A panóplia da jardinagem reflete alguma preocupação de seu tempo. Podemos continuar a fazer jardins estanques, roseirais, "maciços" de coleções que identificam as riquezas do globo, classificando-as sob rótulos e tornando-nos cegos aos movimentos que as animam, às energias que são trocadas, às espécies que estão morrendo, às que aparecem, à evolução?

Para retornar, enfim, à noção de índice: poderia um jardim agenciar mensagens, e não apenas objetos?

Nota-se que isso perturba o horizonte, o distorce e até mesmo o



faz explodir. Não é mais o limite o que define nossa paisagem. Afinal, se uma planta é capaz de evocar a um só tempo o Gondwana e sua história (por exemplo), ela mobiliza uma viagem no tempo e no espaço. Uma viagem muito maior do que aquela circunscrita pelo horizonte, ainda mais extraordinária e, contudo, corriqueira: as imagens de satélite nos são muito familiares; qual meteorologia não faz uso delas?

A informatização das mensagens atingiu tal ponto que o olhar não está mais sobre o objeto, mas sobre sua imagem, de modo que o objeto (o vernacular) é pretexto para a ideia que se faz dele (planetário). Nós ainda podemos, certamente, observar uma paisagem como fazíamos no começo do século, mas nós não podemos mais analisá-la do mesmo modo.

O pensamento hoje não se volta mais ao inventário dos elementos da natureza, mas à compreensão dessa natureza. Ele opera por meio de escalas de percepção necessariamente mediatizadas (um planisfério botânico, por exemplo), pois o olhar vai muito além do horizonte e o vernacular se refere ao planetário, consciente ou inconscientemente.

O POUSIO AGRÍCOLA E O JARDIM

Durante esse intervalo, isto é, enquanto se opera a transformação do olhar sobre tudo, a grande paisagem sofre sublevações muito profundas, das quais a mistura da flora é apenas um dos aspectos.

Pode-se observar, com efeito, que as paisagens pelo mundo se dividem em três categorias: – as urbanas, sempre em extensão e diálogo com o meio natural ou agrícola, em suas margens, suas periferias, suas favelas; – as paisagens agrícolas, sujeitas a tamanha artificialidade que sua manutenção é constantemente desafiada (essas paisagens evoluem muito rapidamente, especialmente pelo abandono nos períodos de pousio); – e, por fim, as reservas, que incluem tudo o que o homem decidiu manter intacto – por lhe causar preocupação – e também tudo o que não foi ainda atacado (a calota glacial, o fundo dos oceanos, etc.), o que significa poucas coisas. Acrescentarei, também, as zonas de penumbra, indecisas, os recessos, os setores esquecidos, longe de qualquer vigilância, porque ali não se responde – no momento – a nenhuma demanda econômica.



O arquiteto paisagista é chamado a responder por todas essas paisagens. Da mesma forma como ele é interrogado sobre os jardins: lugares culturais, eminentemente humanos, onde a natureza muitas vezes é minimizada, a ponto de neles ser excluída.

Mas todos esses “lugares de preocupações” têm um ponto em comum: o sistema vivo e sua gestão. O vocabulário do jardim só pode se aplicar à grande paisagem mediante a compreensão dos modos de funcionamento bióticos. Isso inclui tanto a fisiologia botânica como a ecologia dos biótopos (que remete muito rapidamente à biosfera). Eliminar as ervas daninhas de um campo de trigo, e de um caminho de um jardim, não demanda o uso das mesmas ferramentas, os mesmos artifícios ou a mesma energia (nem a mesma quantidade de dinheiro e de tempo), mas envolve os mesmos princípios: funções químicas ou mecânicas. Sob o ponto de vista da gestão do que é vivo, a ruptura das escalas de intervenção não acompanha nenhuma ruptura de funcionamentos vitais. É somente nos modos de fazer que as diferenças entram em jogo. O efeito quebra-vento de um arvoredo, por exemplo, influencia toda uma região, ao passo que o de uma sebe interfere apenas em uma pequena horta. O efeito quebra-vento, entretanto, é o mesmo, e assim por diante.

Sob o ponto de vista da mistura planetária das plantas, é evidente que o cultivo das exóticas compatíveis com as endógenas é rigorosamente o mesmo para ambas. A compatibilidade entre espécies originalmente muito afastadas viabiliza gestos idênticos sobre elas. Isso nos leva a questionar a legitimidade das chamadas séries ecológicas “endógenas”. O que seria mais ecológico do que plantas que “se casam”, mesmo que tenham origens diferentes?

É preciso reconsiderar o ponto de vista da *deep ecology*, de modo a reconhecer que os desastres ecológicos não vêm da mistura, mas sim de rupturas no equilíbrio de sistemas que funcionam pela justaposição de amplitudes biológicas, isto é, da interação de indivíduos cuja amplitude biológica é assumidamente preponderante sobre os demais.

Essa noção de amplitude biológica (aptidão de certa espécie a sobreviver no tempo e no espaço) assume todo o seu significado quando se observa a evolução das paisagens agrícolas durante o pousio, em “abandono”, aquelas que, nessas circunstâncias, tornam-se incultas e são o cenário de uma colonização; seus solos evoluem em direção a um clímax.



Percebe-se que a ocupação dos terrenos acontece pelas plantas que apresentam vocação de pioneiras e que, ao mesmo tempo, possuem uma amplitude biológica suficientemente forte para se acomodar em solos e climas que não lhes são próprios.

Qualquer terreno baldio chileno hoje é dominado pela *Rosa moschata* da China, enquanto as terras incultas na Europa – no mesmo estágio de “campo sujo” – são ocupadas pelas mesmas “rosas-mosqueta” (sendo que nenhuma roseira faz parte da vegetação nativa chilena). Nesses dois territórios, sob condições climáticas e solos equivalentes, o estatuto biológico é exatamente o mesmo. Como arquitetos paisagistas, nós devemos decidir sobre a conveniência de remover o intruso (*Rosa moschata*) ou conservá-lo, sabendo que ele desempenha um papel equivalente ao das sarças nativas, protegendo as mudas de *Nothofagus*, do mesmo modo como protege os carvalhos nascentes. Nos processos de ascensão ao clímax florestal (seja em bosques de carvalhos franceses ou matas caducifólias do Chile), pode-se perguntar quais espécies realizaram, outrora, o papel que hoje desempenham essas roseiras intrusas: há, de fato, diversas herbáceas espinhosas nativas que cumpriam e ainda cumprem essa função. Mas essa roseira o faz muito mais rapidamente. Ao contrário do que geralmente se diz em matéria de competição ecológica, não se trata de um pedaço de terreno o que se vê prioritariamente em disputa por ocupação, mas sim um “pedaço de tempo”. Qualquer terreno baldio tende a ascender mais rapidamente ao status de floresta do que qualquer outro, supostamente mais autêntico. Naturalmente, o processo oposto (desaceleração) pode igualmente ser observado. Trata-se de um exemplo destinado a demonstrar que a compreensão do funcionamento dos encaminhamentos biológicos é definidora dos modos de gestão.

Esses modos de gestão se aproximam da jardinagem porque mobilizam seus termos e, eventualmente, suas ferramentas. Se se deseja preservar um grande roseiral, será necessário suprimir (com tesouras de poda, inclusive) as árvores jovens que por ali começam a se desenvolver, assim como um passeio entre os arbustos demandará a remoção de alguns de seus ramos (cortá-los), de modo a traçar um caminho.

Tendo em vista os processos de evolução das paisagens agrícolas, questiona-se a justificativa de um cultivo que almeja (como às



vezes se defende) a reconstituição artificial de um bosque, um prado, terraços ou pomares originais, etc., contra qualquer realidade econômica, a custo de investimentos expressivos, ao passo que uma intervenção muito pequena no solo, destinada a orientar de modo ligeiro a evolução de sua flora, muitas vezes é o bastante para transformá-la em um lugar de real interesse plástico e biológico. Em suma, são oferecidas opções às decisões políticas: – reconstituir os aspectos dos territórios agrícolas (ou mantê-los conservados); – ou deixar que atinjam seu nível ótimo de vegetação, geralmente uma floresta, em prol da qual não é necessário, sempre por razões econômicas, introduzir qualquer modo de manejo florestal.

Há muitos lugares, entretanto, onde as mais simples intervenções não procedem da percepção de qualquer emergência ecológica, mas sim de uma ansiedade precipitada daqueles que as desenvolvem.

O deslocamento proposto desde as questões postas pelo jardim à da grande paisagem não nos deve fazer perder de vista a necessidade de questionar a obrigação de realizar intervenções. Sabe-se bem que os problemas atuais têm como foco os espaços desocupados. Todos os temores também.

Um recanto modesto junto a um passeio ou o escoar de um rio têm as mesmas exigências de esquecimento. Atualmente, não há outro profissional senão o arquiteto paisagista para eleger a distribuição justa dos locais passíveis de intervenção dentre os demais.

A emergência de que se trata não está apenas nas bordas da cidade ou nas margens das rodovias; não está apenas no entorno de lugares degradados pela urbanidade e por suas funções. Trata-se de uma emergência encontrada além, na compreensão dos fenômenos que regem o restante do vazio humano, sobre o qual será necessário prestar contas, cedo ou tarde.

A finitude planetária nos força a essa prestação de contas. É hora de antecipar a ação do arquiteto paisagista, que deve decidir entre a soma e a subtração daquilo que é vivo.



ALGUNS EXEMPLOS

Profissionalmente, nós tivemos que pensar em casos que combinassem várias escalas de intervenção, relacionando o vocabulário do jardim com o da grande paisagem (como é caso da *Vaison-la-Romaine*), com áreas agrícolas abandonadas (*Vallée de la Creuse*, *Saint-Benoît-du-Sault*), somadas à emergência da gestão ecológica, para regular certo aspecto da paisagem (Vale do Queyras, *Mont-Saint-Michel*) ou a necessidade de impelir o olhar do público sobre a natureza, para questionar as urgências da vida (*Euralille*). Acreditamos que o denominador comum de todos esses exemplos é o de uma dinâmica da qual pudemos analisar previamente certos aspectos e que, sob nossa perspectiva, são capazes de gerar modos de intervenção inerentes à especificidade da arquitetura da paisagem.

Vaison-la-Romaine

A confrontação imediata de um jardim referencial – uma horta em Crestet, por exemplo – com o grande território do vale do Ouvèze incumbe a comparação de certos termos: os adornos e os arrimos; a drenagem e os interflúvios; a queda e a derrubada de árvores, etc.

De repente, esse discurso interessa à imensidão de uma bacia hidrográfica, das vinhas de Orange aos picos do Ventoux: o estudo dos jardins de Vaison conduz à análise de técnicas agrícolas a montante da cidade, da mesma forma que tal análise convoca a reconsideração dos modelos de expansão urbana.

Imediatamente, a noção de "gestão da paisagem" se faz necessária. É difícil imaginar que ela aconteça sem os arquitetos paisagistas.

Queyras

As encostas do norte do alto vale do Queyras são povoadas por faias, suas vertentes sul, pela sabina. O administrador do Parque Natural cogita a oportunidade de abrir uma clareira em uma área florestada, que

8 Cf. *Le Jardin en mouvement*, Editions Pandora, Paris, junho de 1991. E « La friche apprivoisée », Revista *Urbanisme*, nº209, setembro de 1985.



fora outrora um terreno abandonado pela agricultura. Trata-se de uma questão de sobrevivência para algumas espécies herbáceas heliófilas, cujo espaço de existência diminui a cada dia. Nós evocamos a teoria do "Jardim em Movimento"⁸ para trazer à escala da grande paisagem um modo de gestão adaptado aos terrenos incultos. A questão é: como gerir um sítio de modo a manter um repertório completo (e viável) da riqueza florística local, à medida que esse sítio se aproxima do clímax florestal, abandonando-se as técnicas convencionais de exploração?

Vallée de la Creuse

Trata-se de encostas abruptas de um rio: em quarenta anos, a paisagem se inverteu. As margens íngremes, onde os rebanhos de cabras já não vêm mais pastar, passaram da condição de pasto à de uma floresta de carvalhos; no platô, o bosque outrora denso se clarificou, a paisagem se abriu, enquanto as matas se fecharam às margens. Essa "inversão" é observada sobretudo onde os terrenos são de difícil acesso, acidentados, pequenos e isolados, inconvenientes à ação das máquinas modernas. Esse fenômeno já é antigo, mas hoje é sabido que o pousio de áreas anteriormente cultivadas ganha parcelas "convenientes" de terreno e que áreas agrícolas abandonadas vão aumentar 30% nos próximos anos. Atualmente (outubro e novembro de 1992), sete estudantes da ENSPV⁹ estão na Irlanda para estudar as consequências da PAC¹⁰ na paisagem europeia.

Mont-Saint-Michel

O assoreamento dos rios que circundam o Monte Saint-Michel é objeto de muitos estudos dirigidos à recuperação de sua insularidade. O dique construído no século XIX, a ausência de convecção subsequente e a proliferação de uma espargina¹¹ híbrida muito combativa contribuem

⁹ Cf. *Le Jardin en mouvement*, Editions Pandora, Paris, junho de 1991. E « La friche apprivoisée », Revista *Urbanisme*, n.209, setembro de 1985.

¹⁰ PAC, *Politique Agricole Commune*.

¹¹ *Spartine X townsendii* (espécie híbrida formada pela combinação entre uma espécie europeia e outra americana).



(graças às estruturas aéreas dessa planta, em especial) para a fixação dos bancos de areia que, pouco a pouco, sobem e se tornam prados salgados. O projeto de paisagismo da baía, apresentado há alguns anos (à época recusado, por ser muito barato), baseava-se na gestão da dinâmica das pastagens e no aproveitamento do potencial das espartinas para a criação de uma ilha no estuário de Couesnon; trata-se de uma ilha suscetível a dividir o fluxo do rio em dois e, naturalmente, aumentar os efeitos da convecção. Atualmente, um princípio de gestão por ciclos e superfícies de ocupação – à imagem do Jardim em Movimento – está sendo estudado nesse lugar.

Saint-Benoît-du-Sault

O prefeito de Indre organizou em novembro de 1992 um dia de informação intitulado "Paysans-Paysage". Arquitetos paisagistas foram convidados. Assim como certos franceses, ele compartilha da opinião de que os agricultores deixaram de se zangar com a ideia de que se tornariam os jardineiros dos parisienses em seus passeios de finais de semana. Eles sabem que seus pares são subsidiados há muito tempo na Grã-Bretanha para preservar as paisagens tradicionais e manter sua qualidade.

Euralille

No coração da cidade de Lille, o triângulo das estações ferroviárias se situa junto a um parque de 10 hectares¹². Nós propomos que, ao sair do TGV, o viajante se questione a respeito de uma floresta densa erguida sobre um pedestal quadrado de 10 metros de altura, tão hermético e selvagem quanto um bastião militar. Esse meio hectare da ilha Derborence¹³, inacessível e denso, se assenta acima de um imenso gramado cercado por um bosque impenetrável, onde são experimentadas – diante do público – as diferentes “invenções” da ilha, convertida, ela própria, em objeto científico. Esse tipo de parque, evidentemente, está em completa ruptura com o princípio da amenidade urbana, de sistema “paisagístico”,

¹² Equipe vencedora: Eric Berlin, Gilles Clément e Sylvain Flippo.

¹³ Por alusão a uma das últimas florestas primárias europeias (Suíça) derrubada há dois anos.



de *squares*, etc. Ele conduz o pensamento para fora do território que ocupa. Mas o símbolo – meio ordinário de qualquer metafísica – assume aqui o valor de bioma. Ele não se refere em nada às lendas humanas. Ele pode ser compreendido no plano universal. Entretanto, as lendas humanas experimentam o desejo de reformulação de suas bases, de reajustar seus símbolos, elas oscilam entre “Coca-Cola” e “Meio Ambiente” em uma estranha confusão de ingredientes, onde se misturam a política e o sagrado, a publicidade e a Conferência do Rio. A emergência de um modelo sem ambiguidade está atrasada, e ele poderia tanto regular a vida quanto preservar o sonho.

Assim, acumulam-se exemplos, questões são colocadas, lançam-se estudos, mas até agora nenhuma ação em grande escala, digna de ser comparada a uma jardinagem planetária, foi realizada. É provável que leve tempo para integrar os dados do que é vivo, para compreender sua complexidade, para apreender como a história neles se acomodou (será necessário reconstruir os *restanques*¹⁴?), como os homens confiaram a eles seus mitos e, finalmente, entre todas essas imagens e lendas, como escolher aquelas que salvam o planeta sem virar as costas para a humanidade.

A ecologia hoje continua a ser ressentida como um contrato firmado com a natureza, mas contra o homem. O estudo epistemológico da ecologia de Jean-Paul Deléage (*Histoire de l'écologie*) e o último livro de Luc Ferry (*Le Nouvel Ordre écologique*) mostram claramente essa distância entre aquilo que é humano e o que não é.

Se o porvir reserva aos arquitetos paisagistas do mundo inteiro a missão de se ocupar dos grandes biótopos, dos parques nacionais e dos terrenos baldios, assim como das instalações rodoviárias e urbanas, o jardim – objeto de um mercado em expansão interessado pelo “espaço verde” – obriga os mesmos arquitetos paisagistas a reconsiderar o vocabulário que lhes foi ordinariamente atribuído a fim de enriquecê-lo com

14 N. do T. Muros de contenção tradicionais no interior da França, construídos em alvenaria de pedras com a finalidade de barrar o fluxo de um rio intermitente ou de uma linha de drenagem, permitindo a irrigação de áreas secas e a cultura em terraços. Fonte: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/restanque/10910335>.



as descobertas do "exterior", as descobertas da grande paisagem.

Em suma, o exercício do *wild garden* (premonitório em sua época) está ultrapassado. Não se trata mais de copiar a natureza, mas de compreendê-la e – se necessário – torná-la um jardim. Jardinar a paisagem com as palavras do jardim e o jardim com as palavras da paisagem: um olhar comprometido com a vida e com os gestos que a garantem.

Entretanto, apesar de todas as necessidades de conhecimento, nós não devemos esquecer – nós, profissionais – que a paisagem é também o que não conhecemos.

Augustin Berque me perguntava: "Para você, o que é uma paisagem?" Eu respondia: "aquilo que vemos quando paramos de olhar". A conversa ficou nisso, mas eu teria gostado de precisar que a memória de uma paisagem – esse enclave subjetivo irredutível às palavras – é o nosso lembrete mais justo, porque ela é fundada sobre o essencial – meio-afago, meio-ruptura – de uma fulgurante "impressão", um olhar penetrante e novo sobre o qual ninguém tomou o poder e sobre o qual, contudo, pesam séculos de cultura e ignorâncias fecundas.

Tradução: Arthur Simões Caetano Cabral

Revisão: Sandra Rey

PUBLICADO ORIGINALMENTE EM:

CLÉMENT, Gilles. Le Jardin Comme Index Planétaire. In: ROGER, Alain (org.). **La Théorie du Paysage en France: 1974-1994**. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1995. p. 389-399.



Gilles Clément é jardineiro, paisagista, botânico, entomologista, biólogo e escritor. Nascido em 1943 no departamento de Indre (França), graduou-se em engenharia hortícola (1967) e paisagismo (1969) no Instituto Nacional de Horticultura e Paisagem de Angers. Paralelamente ao exercício profissional, é professor, desde 1979, na Escola Nacional Superior de Paisagismo (ENSP), e membro do conselho de administração da Escola Nacional Superior de Arquitetura de Versalhes. Viajou por diversas partes do mundo, particularmente no hemisfério sul, onde estudou a flora de ambientes similares aos de clima mediterrâneo. É autor de conceitos centrais no pensamento contemporâneo sobre a paisagem e de jardins públicos e privados. Para o autor, hoje cabe ao jardineiro confiar no natural e oferecer-lhe campo aberto, à maneira de um jardineiro aprendiz em jardins em movimento.

Arthur Simões Caetano Cabral é arquiteto e urbanista, graduado na FAU-USP. Possui mestrado e doutorado pela mesma instituição, na área de *Paisagem e Ambiente*. É professor assistente junto à Universidade Estadual Paulista - UNESP/Campus de Bauru. Autor do livro *Paisagens baldias - a natureza manifesta nas brechas da cidade*, publicado em 2019 pela editora Appris. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2023).

